

A REVOLUÇÃO LINGUÍSTICA NA SEMANA DA ARTE MODERNA: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Jenerton SCHUTZ*
Edinaldo Enoque da SILVA JUNIOR**

- **RESUMO:** Este estudo propõe uma análise aprofundada da Semana da Arte Moderna de 1922 no Brasil, focalizando a influência da língua portuguesa nas manifestações artísticas que marcaram esse movimento revolucionário. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica, permitindo uma investigação crítica de obras literárias, manifestos, críticas contemporâneas e documentos históricos. A pesquisa é organizada em cinco seções, num primeiro momento apresenta-se uma introdução à Semana da Arte Moderna e se aprofunda as circunstâncias históricas e culturais que deram origem à Semana da Arte Moderna, destacando seus objetivos e importância no cenário artístico; no segundo momento, aborda-se as raízes linguísticas, a saber, a influência portuguesa nas expressões artísticas modernistas, nesse sentido, explora-se como a língua portuguesa fundamentou novas formas de expressão artística a partir de aspectos linguísticos em obras literárias, poesias e manifestos; por conseguinte; aborda-se a Vanguarda Literária e as transformações na escrita e na poesia; num quarto momento, tematiza-se o regional e universal, numa perspectiva que abarca a diversidade linguística nas Artes Visuais e Cênicas, destacando-se a diversidade linguística na expressão artística e na construção de identidades culturais; por fim, reflete-se sobre as críticas, a recepção e a resposta da sociedade à Revolução Linguística, neste item, especificamente, explora-se as críticas contemporâneas e a recepção pública às inovações linguísticas, revelando como essas mudanças foram percebidas e discutidas na sociedade da época. Ademais, considera-se que análise proporcionou não apenas uma compreensão mais profunda da influência da língua portuguesa nas manifestações artísticas modernistas, mas também destacou a perenidade e a importância desse fenômeno cultural para as gerações futuras.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Arte Moderna; Revolução Linguística; Vanguarda Cultural.

* Universidade Católica de Brasília (UCB) – Brasília – DF - Brasil. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação. jenerton.schutz@p.ucb.br.

** Universidad del Sol – Assunção – Paraguai. Doutorando em Ciências da Educação. Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina (SED/SC) - São Miguel do Oeste – SC - Brasil. Professor Efetivo de História.

Artigo recebido em 20/09/2023 e aprovado em 21/11/2023.

Introdução

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um marco importante na história cultural do Brasil, desencadeando uma revolução artística que impactaria por décadas. No epicentro deste movimento, artistas visionários ousam quebrar as cadeias da tradição, questionar as normas estéticas estabelecidas e dar vida à expressão criativa que transcende as fronteiras conhecidas.

Essa ascensão cultural não apenas redefiniu a paisagem artística do Brasil, mas também proporcionou uma plataforma única para experimentação e transformação linguística. No centro desta revolução está a língua portuguesa como força motriz. A língua portuguesa é um elemento essencial e muitas vezes subestimado que desempenhou um papel fundamental na articulação de ideias e na formação da identidade artística modernista.

O objetivo deste trabalho é compreender a intersecção deste fenômeno e como a língua portuguesa foi utilizada como meio de expressão revolucionário durante a Semana de Arte Contemporânea. Nesse sentido, explora-se as raízes da linguagem que permeiam a expressão artística durante este período, examinando as mudanças na escrita e na poesia que refletiram o *zeitgeist* modernista, e examinando como os artistas visuais e performáticos incorporaram a linguagem no seu trabalho.

Além disso, analisa-se as reações, críticas e percepção pública da sociedade atual a esta revolução linguística. Neste cenário vibrante em que a arte se entrelaça com a política, a sociedade e a cultura, a Semana de Arte Moderna de 1922 continua sendo um capítulo rico e complexo da história do Brasil.

Ao descobrir a complexa rede de influência portuguesa nestas expressões artísticas, busca-se lançar luz sobre níveis mais profundos de significado, contribuindo para uma compreensão mais holística desta revolução, que continua a ressoar hoje.

Para realizar uma análise da influência portuguesa na expressão artística durante a Semana de Arte Moderna de 1922, adota-se a metodologia da pesquisa bibliográfica como estrutura central deste estudo. A escolha desta abordagem justifica-se pela necessidade de examinar e compreender criticamente os materiais existentes que registram acontecimentos e obras de arte da época.

Outrossim, tematiza-se uma ampla gama de obras literárias, manifestos, crítica contemporânea e documentos históricos para identificar nuances e elementos linguísticos que destacam a transformação do português como meio artístico. A pesquisa bibliográfica permite não só traçar o desenvolvimento da linguagem artística, mas também contextualizar as influências culturais e sociais que contribuíram para o surgimento do movimento modernista. Este método também fornece uma base sólida para explorar as ligações entre a língua portuguesa e diversas expressões artísticas, e como os artistas deste período redefiniram, subverteram ou reforçaram as normas linguísticas existentes.

Através de uma abordagem essencialmente bibliográfica, apresentam-se comparações críticas com as principais obras da época, acrescentando *insights* de estudiosos contemporâneos e análises acadêmicas que contribuem para uma compreensão mais profunda da revolução linguística que ocorreu durante a Semana de Arte Moderna.

Ademais, o objetivo é estabelecer um diálogo e uma visão abrangente da análise e interpretação da complexa relação entre a língua portuguesa e a expressão artística durante este período de transformação, com base em fontes fiáveis.

Introdução à Semana da Arte Moderna: contextualizando o movimento

Além de sua influência direta na arte, a Semana de Arte Moderna de 1922 também apareceu como um fenômeno causado por um momento de mudanças mais amplas na sociedade brasileira. As décadas anteriores a este período foram marcadas por mudanças econômicas e políticas significativas que moldaram as aspirações culturais do país.

O Brasil, anteriormente abençoado com um influxo de economias cafeeiras, passou por uma transição para uma sociedade urbana e industrial. A ascensão da classe média urbana trouxe novas perspectivas e aspirações para uma identidade nacional distinta. A Semana de Arte Contemporânea responde a estas mudanças e procura redefinir não só a expressão artística, mas também o papel da cultura na construção das nações modernas.

Desse modo:

Essa efervescência cultural não ocorreu isoladamente; ela foi moldada por um contexto específico de transformações sociais e políticas. O Brasil estava saindo de um período marcado pela cafeicultura e pela ascensão da burguesia urbana. As ideias de modernização e a busca por uma identidade nacional estavam no centro dos debates intelectuais (Bastos, 1991, p. 33).

Os protagonistas desse movimento eram artistas e intelectuais ousados, determinados a romper com os cânones acadêmicos e estéticos. Suas ações, deliberadamente provocativas, tinham como objetivo desafiar a ortodoxia cultural vigente. “A pluralidade de influências, que iam desde o folclore brasileiro até correntes artísticas europeias, refletia a aspiração de construir uma expressão única que capturasse a complexidade da identidade nacional” (Bastos, 1991, p. 33).

A Semana de Arte Moderna transcende assim as fronteiras de um evento específico em 1922. Inaugurou um movimento cultural mais amplo que permeia a produção artística nas décadas subsequentes. Sua importância reside não apenas nas obras e performances apresentadas naquela época, mas também nas sementes plantadas para o contínuo desenvolvimento da arte e da cultura brasileira.

Nesse sentido, pode-se observar que:

Os principais objetivos do movimento eram claros: desafiar as normas artísticas tradicionais, promover a liberdade de expressão e instigar uma reflexão crítica sobre a cultura brasileira. Artistas e intelectuais, reunidos na Semana da Arte Moderna, buscavam inaugurar uma nova era nas artes, em que a originalidade e a experimentação seriam celebradas (Boaventura, 2000, p. 98).

Ao analisar a Semana da Arte Moderna, é crucial compreender não apenas as obras produzidas, mas também os anseios e desafios daqueles que as conceberam. “O movimento não foi apenas uma celebração artística; foi uma declaração audaciosa de que o Brasil estava pronto para redefinir sua própria narrativa cultural em um mundo em rápida transformação” (Brito, 1958, p. 82). Essa análise mais profunda nos ajuda a apreciar plenamente a magnitude da revolução cultural que se desdobrou naqueles dias de fevereiro de 1922.

A importância desse movimento no cenário artístico brasileiro não pode ser subestimada. A Semana de Arte Moderna não só teve uma influência profunda na produção cultural subsequente, mas também serviu como ponto de partida para o desenvolvimento de uma identidade artística nacional moldada pelas diversas influências culturais do país. Este evento não só mudou a percepção da arte brasileira, mas também contribuiu para a construção de uma narrativa cultural autêntica e diversificada.

Logo:

Os objetivos proclamados pelos modernistas não eram apenas estéticos, mas profundamente políticos e sociais. Eles aspiravam a um Brasil que transcendesse a imitação acrítica de correntes europeias, buscando, em vez disso, a singularidade de sua expressão cultural. A Semana da Arte Moderna, portanto, não foi apenas um evento, mas um catalisador de um movimento mais amplo de renovação cultural, que reverberou ao longo das décadas seguintes (Coelho, 2012, p. 71).

À medida que se aprofunda a compreensão deste momento crucial da história brasileira, é notável que a Semana de Arte Moderna de 1922 foi mais do que um calendário artístico, ela afirmou ousadamente a autonomia cultural e exigiu diversidade e originalidade. Fica claro que foi uma promessa para o futuro. Torna-se a base da expressão artística nacional.

A busca por uma identidade cultural autêntica continua a ressoar e influenciar as gerações subsequentes, consolidando a Semana de Arte Moderna como um marco indelével na história do Brasil.

Raízes linguísticas: a influência da língua portuguesa nas expressões artísticas modernistas

Quando se considera as raízes linguísticas da expressão artística modernista em que se baseou a Semana de 1922, entende-se que é importante a ligação essencial entre a língua portuguesa e as inovações artísticas ocorridas durante a Semana de Arte Moderna iniciada no Brasil em 1922. Esta sessão propõe-se considerar as origens da língua que moldou a expressão artística modernista, com particular enfoque na influência do português neste contexto, Del Picchia (1983, p. 40) afirma que:

[...] ao adentrar nessa análise, é imperativo reconhecer que a língua, longe de ser meramente um veículo de comunicação, desempenha um papel fundamental na

construção da identidade cultural. Durante a Semana da Arte Moderna, os artistas não apenas experimentaram com formas e estilos, mas também reimaginaram a própria linguagem em que suas obras eram concebidas.

O português serviu como terreno fértil para a experimentação linguística, permitindo a criação de expressões artísticas brasileiras únicas e autênticas. Elementos da língua foram desconstruídos, reconstruídos e reinventados para capturar a essência da complexidade cultural brasileira e incorporar nuances regionais, tradições folclóricas e elementos cotidianos.

Assim:

Essa influência linguística não se limitou apenas à literatura; estendeu-se às artes visuais e cênicas. Pintores e dramaturgos incorporaram elementos da língua portuguesa em suas obras, criando uma simbiose entre a palavra escrita e a expressão visual ou performática (Del Picchia, 1983, p. 62).

Nesse processo, a língua deixou de ser apenas um meio de comunicação; ela se tornou uma matéria-prima artística, moldando a própria estrutura e substância das criações modernistas. Outrossim, “[...] ao explorar as raízes linguísticas da Semana da Arte Moderna, revela-se não apenas uma análise da forma como a língua portuguesa influenciou as expressões artísticas, mas uma imersão na essência mesma da transformação cultural que estava ocorrendo” (Gonçalves, 2012, p. 63).

Neste sentido, ao explorar as raízes linguísticas da Semana de Arte Moderna, descobrimos as profundas e complexas camadas de interação entre a linguagem e a arte modernista e obtemos uma compreensão mais completa da revolução linguística que ocorreu durante este período seminal. Os brasileiros realizaram história cultural.

Emergindo deste contexto, torna-se claro que durante este período o português não foi apenas um meio de comunicação, mas um elemento ativo e transformador nas mãos dos artistas modernistas. “A desconstrução da linguagem e a busca por uma expressão autenticamente brasileira levaram à experimentação linguística, onde as palavras deixaram de ser simples portadoras de significado e se tornaram matéria-prima para a criação artística” (Napoli, 1980, p. 191).

Na literatura, poesia e manifestos da época, testemunha-se a ousadia dos modernistas em desafiar as convenções linguísticas. Autores como Mário de Andrade e Oswald de Andrade exploraram uma linguagem mais coloquial, incorporando gírias, regionalismos e elementos do cotidiano brasileiro. “Essa abordagem não apenas quebrou as barreiras da linguagem acadêmica, mas também refletiu uma tentativa de capturar a riqueza e a diversidade do idioma falado nas diferentes regiões do país” (Placer, 1972, p. 51).

Nas artes visuais, a linguagem da pintura e da escultura foi enriquecida pela incorporação de elementos textuais. Tarsila do Amaral, por exemplo, inseria palavras e frases em suas obras, criando uma interseção entre a imagem e a palavra escrita. “Essa fusão de linguagens buscava transcender as fronteiras tradicionais entre as artes, promovendo uma experiência mais completa e visceral para o espectador” (Placer, 1972, p. 52).

A palavra cênica foi revivida no teatro. Compositores como Heitor Villa-Lobos integraram elementos de música e poesia em suas obras, enquanto dramaturgos exploraram diálogos que se aproximavam da palavra falada, buscando autenticidade e proximidade com a realidade cotidiana.

Assim, o tema “Raízes da Linguagem” conduz-nos no caminho da descoberta das mudanças que a língua portuguesa sofreu e provocou durante a Semana de Arte Contemporânea. Este trabalho oferece um vislumbre da complexa relação entre palavra e forma, desafia as fronteiras tradicionais da expressão artística e mostra como a linguagem viva desempenhou um papel ativo na Revolução Cultural que definiu o modernismo brasileiro.

A vanguarda literária: transformações na escrita e na poesia

A partir desse momento, pretende-se explorar a fascinante metamorfose que a literatura brasileira experimentou durante a Semana da Arte Moderna de 1922. Nesse sentido:

Ao mergulharmos nessa temática, deparamo-nos com uma revolução textual, onde as palavras não são mais meros veículos de comunicação, mas ferramentas ousadas nas mãos dos modernistas. A vanguarda literária dessa época foi uma verdadeira alvorada para a escrita e a poesia, um movimento audacioso que desafiou as normas estabelecidas e abraçou a experimentação como princípio fundamental (Prado, 1976, p. 123).

Na esfera da escrita, assistimos a uma redefinição dos parâmetros narrativos e estilísticos. “Os modernistas buscaram escapar das convenções literárias tradicionais, adotando uma linguagem mais coloquial, incorporando neologismos, gírias e regionalismos” (Amaral, 1979, p. 219).

Autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira pavimentaram um caminho novo, livre das amarras de uma linguagem excessivamente erudita, aproximando a literatura da realidade cotidiana do povo brasileiro:

A poesia, por sua vez, tornou-se um terreno fértil para inovações expressivas. Os versos dos modernistas romperam com a métrica tradicional, abraçando a liberdade formal e semântica. A influência do movimento simultâneo europeu, como o Futurismo e o Cubismo, manifestou-se na poesia visual e na desconstrução das estruturas convencionais de versificação. Isso permitiu uma exploração mais profunda das emoções, das experiências sensoriais e das complexidades do espírito humano (Almeida, 1987, p. 12).

A vanguarda literária, portanto, não foi apenas uma mudança na forma de escrever, mas uma redefinição da própria função da literatura na sociedade. “Ela refletiu um desejo ardente de romper com o passado, desafiando a ideia de que a literatura deveria ser um reino exclusivo da elite intelectual” (Aranha, 1969, p. 41).

Ao fazer isso, os modernistas não apenas transformaram a linguagem escrita, mas também democratizaram o acesso à literatura, abrindo suas portas para uma audiência mais ampla e diversificada. Nesse sentido, segundo Aranha (1984, p. 35):

A vanguarda literária modernista representou uma quebra de paradigmas, desafiando as estruturas literárias preexistentes. Os modernistas buscaram uma expressão autêntica da identidade brasileira, afastando-se do que consideravam imitações subservientes de modelos europeus. Essa busca por uma linguagem própria e original manifestou-se nas transformações da escrita.

A escrita modernista tornou-se, assim, uma arena de experimentação, onde as palavras foram manipuladas e reinventadas para capturar a vivacidade e a diversidade do Brasil. A linguagem coloquial, os neologismos e os regionalismos foram incorporados de maneira deliberada, desafiando a linguagem literária tradicional e buscando uma conexão mais direta com a cultura e o cotidiano do povo brasileiro (Araújo, 1972).

Na poesia,

Testemunhamos a liberação criativa dos versos modernistas. A métrica tradicional foi descartada em prol de uma forma mais livre e inovadora. Os poetas modernistas exploraram novos temas, como a vida urbana, a industrialização, e até mesmo a visão futurista do Brasil. A poesia visual, por exemplo, rompeu com as convenções ao explorar a disposição gráfica das palavras no papel, tornando-se uma forma de expressão artística que ia além do simples conteúdo semântico (Araújo, 1972, p. 159).

Além das mudanças formais, a literatura de vanguarda teve efeitos de longo alcance na sociedade. Ela não apenas redefiniu o estilo literário, mas também questionou o papel da literatura na sociedade. A literatura modernista tornou-se uma ferramenta ativa para questionar, criticar e refletir sobre questões sociais e culturais durante um período de grandes mudanças no Brasil.

Essa arte de vanguarda não só abriu novos horizontes estilísticos, mas também moldou a forma como a literatura brasileira era compreendida e apreciada, definindo um novo capítulo na relação entre a palavra escrita e a identidade cultural nacional.

Do regional ao universal: a diversidade linguística nas artes visuais e cênicas

A partir deste momento, durante a Semana de Arte Moderna de 1922, propõe-se um percurso pelas complexas intersecções entre a diversidade linguística, a expressão artística e a procura de uma identidade cultural mais ampla.

Esta sessão assinala uma mudança importante, mostrando que os artistas modernistas não só celebraram a diversidade cultural regional, mas também a elevaram a uma linguagem visual e paisagística de alcance universal.

Esse movimento foi uma reação à busca por uma identidade que não se limitasse às fronteiras geográficas do Brasil, mas que ressoasse em um nível mais amplo. Nas artes

visuais, artistas como Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti engajaram-se em releituras revolucionárias da paisagem brasileira.

Eles não apenas expressaram o regionalismo, mas foram além das expressões tradicionais para lhes dar uma estética que capturasse a singularidade do Brasil, cores vivas, formas ricas e uma combinação única de influências culturais. Dessa forma, “A pintura modernista tornou-se, assim, uma linguagem visual que falava não apenas aos brasileiros, mas também ao mundo, desafiando as noções tradicionais de arte nacionalista” (Lima, 1972, p. 42).

Na esfera cênica, o teatro modernista também explorou essa dicotomia entre o regional e o universal. Desse modo:

A incorporação de elementos linguísticos regionais nas peças teatrais foi acompanhada por uma busca por temas universais. Dramaturgos como Oswald de Andrade e Mário de Andrade exploraram a multiplicidade de sotaques e dialetos brasileiros, trazendo a riqueza da diversidade linguística para o palco de forma inovadora (Lima, 1972, p. 44).

Esse diálogo entre o local e o global não apenas enriqueceu as produções cênicas, mas também permitiu que o teatro modernista transcendesse as fronteiras nacionais. A temática “Do Regional ao Universal” revela, assim, um movimento artístico que, embora profundamente enraizado na riqueza cultural regional, tinha aspirações mais amplas. “Ele procurou articular uma identidade brasileira que pudesse dialogar com o mundo, desafiando as categorias estreitas do ‘regional’ para se tornar uma expressão culturalmente rica e universalmente relevante” (Lima, 1972, p. 87).

Através do diálogo entre o local e o universal durante a Semana de Arte Moderna de 1922, este trabalho nos leva a um exame abrangente das mudanças ocorridas na expressão artística durante a Semana de Arte Moderna e dos artistas que apontaram para a linguagem da época.

Ao mesmo tempo, está profundamente enraizado nas nuances regionais do Brasil e é capaz de transcender essas fronteiras e alcançar características universais. Nas artes visuais,

Esse movimento é vividamente ilustrado pela obra de Tarsila do Amaral, cujas telas como ‘Abaporu’ buscam sintetizar a essência brasileira através de uma estética única. A pintura modernista, ao incorporar elementos regionais, como a natureza exuberante e a vida rural, não se limitou a uma mera representação localista (Carvalho, 1976, p. 97).

Pelo contrário, reconceitualizou a região como uma representação gráfica cuja autenticidade e singularidade lhe permitem comunicar através das fronteiras. O uso de cores vivas, formas estilizadas e abordagens ousadas para retratar a realidade contribuíram para uma linguagem visual que transcendeu os contextos regionais.

Os esforços para incorporar a diversidade linguística também foram evidentes no teatro contemporâneo. Os dramaturgos exploraram os diversos sotaques, expressões e dialetos do Brasil, usando-os não apenas como elementos folclóricos, mas também

como uma rica tapeçaria linguística que enriquece belas histórias. Logo, “Essa exploração linguística não era uma tentativa de confinamento ao local, mas uma estratégia para conectar-se à multiplicidade cultural do país e, ao mesmo tempo, alcançar uma audiência mais ampla” (Goldstein, 1983, p. 210).

A transição do regional para o universal, como sugerido no título, reflete não apenas uma mudança estilística nas artes visuais e cênicas, mas também uma mudança na perspectiva sobre o papel da cultura brasileira no contexto global. “Esse movimento não negou as raízes regionais; ao contrário, ele as celebrou como uma fonte de autenticidade e originalidade” (Guelfi, 1987, p. 11). Ao fazê-lo, abriu caminho para uma expressão artística que, embora profundamente ancorada na diversidade linguística e cultural do Brasil, também carregava uma qualidade que podia ser apreciada e compreendida em escala global.

Críticas e recepção: a resposta da sociedade à revolução linguística

O estudo proposto sob o tema “Crítica e Recepção: A Resposta da Sociedade à Revolução Linguística” permite aprofundar a forma como as mudanças provocadas pela Semana de Arte Moderna foram percebidas e aceites pela sociedade da época.

Esta abordagem nos convida não apenas a examinar as reações imediatas, mas também a compreender como a revolução linguística desencadeada pelos modernistas reverberou em camadas mais amplas da sociedade brasileira.

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que as revoluções culturais enfrentam sempre resistência. Os modernistas desafiam as normas estabelecidas não apenas na forma artística, mas também na linguagem, buscando uma expressão mais autêntica e mais próxima da realidade brasileira. Esta ruptura com a tradição provocou muitas vezes duras críticas por parte dos conservadores e daqueles que resistem à mudança.

Assim:

As críticas contemporâneas à revolução linguística podem ter se manifestado como resistência à aparente quebra de padrões e tradições. O público mais conservador pode ter visto essas inovações como uma ameaça à estabilidade cultural e linguística estabelecida. A resistência à linguagem coloquial, neologismos e à desconstrução das normas gramaticais pode ter sido particularmente acentuada (Klaxon, 1972, p. 22).

Porém, além das críticas, é importante considerar como essas mudanças foram recebidas pelos intelectuais mais progressistas da sociedade. Muitos podem ver a revolução linguística como uma oportunidade para romper com a imitação obsequiosa das tendências estrangeiras e criar uma língua mais fiel à identidade brasileira. A aceitação e celebração destas mudanças linguísticas podem ter sido provocadas por aqueles que viam os modernistas como a vanguarda de uma nova era cultural e artística. Além de que,

[...] considerar a recepção do público em geral é crucial. Como essas mudanças foram percebidas pelos brasileiros comuns, muitos dos quais podem não ter sido

diretamente envolvidos no cenário artístico? A linguagem modernista, com sua aproximação da fala cotidiana, pode ter ressoado com certas camadas da sociedade, tornando a arte e a linguagem mais acessíveis e pertinentes ao contexto do dia a dia (Klaxon, 1972, p. 37).

Ao compreender como diferentes partes da sociedade responderam, pode-se obter uma imagem mais completa do impacto que esta revolução linguística e cultural teve na sociedade brasileira da época. A complexa dinâmica entre crítica e recepção durante a Semana de Arte Moderna de 1922 fornece insights interessantes sobre a transformação cultural do Brasil. A revolução linguística modernista não se limitou a redefinir o uso do português na arte, mas também desencadeou uma série de reações que repercutiram em toda a sociedade:

No que diz respeito às críticas, é crucial considerar o contexto conservador predominante na época. Muitos críticos viram as inovações linguísticas como uma afronta à tradição literária e à estabilidade cultural. A resistência à quebra de normas gramaticais e à introdução de uma linguagem mais coloquial reflete uma resistência às mudanças que desafiavam as convenções estabelecidas. No entanto, é fundamental destacar que essa resistência muitas vezes provinha de setores que se beneficiavam da manutenção do status quo cultural (Santiago, 2002, p. 18).

Por outro lado, entre os defensores do modernismo, a revolução linguística foi recebida como uma libertação artística e cultural. “A quebra com as formas literárias tradicionais foi vista como uma emancipação da imitação estrangeira e como um caminho para criar uma identidade cultural brasileira autêntica e única” (Santiago, 2002, p. 27).

A aceitação dessa transformação foi mais prevalente entre os intelectuais progressistas e artistas comprometidos com a construção de uma nova narrativa cultural para o Brasil. “Além disso, é essencial explorar a recepção do público em geral. A linguagem acessível e a incorporação de elementos brasileiros nas obras modernistas podem ter gerado uma conexão mais íntima com a vida cotidiana das pessoas” (Santiago, 2002, p. 18).

Em alguns segmentos da sociedade, a revolução linguística pode ter sido vista como uma democratização da cultura, tornando a arte mais inclusiva e relevante para um público mais amplo. Assim, ao analisar as críticas e a recepção, somos levados a uma compreensão mais profunda das tensões culturais que permeavam a sociedade brasileira naquele momento. A revolução linguística não foi apenas uma experimentação artística; foi um catalisador de mudanças sociais mais amplas, questionando não apenas como a arte era produzida, mas também como era consumida e interpretada pela sociedade em transformação (Klaxon, 1972).

O legado da semana da arte moderna: relevância e influências contemporâneas

Para considerar a sua relevância contínua, é importante considerar como as ideias e experiências introduzidas durante a Semana de Arte Moderna continuam a ressoar na

arte contemporânea e na produção literária. Numa conversa através do tempo e do espaço, explora-se como os artistas de hoje estão a lidar com a procura da sua própria identidade cultural e como a quebra de normas e a experimentação linguística são as forças motrizes da criação artística.

Nesse sentido:

A influência contemporânea dos princípios do modernismo se estende para além das artes visuais e da literatura, alcançando outras formas de expressão como música, cinema e até mesmo a cultura digital. Explorar como a busca por uma linguagem autêntica e inovadora se manifesta em diversas disciplinas artísticas nos dias de hoje proporciona insights valiosos sobre a natureza evolutiva do legado modernista (Schwartz, 2003, p. 52).

É também intrigante analisar as implicações sociais e culturais do legado modernista. Como as mudanças introduzidas na Semana da Arte Moderna influenciaram a percepção da sociedade sobre arte e cultura? Em particular, como a quebra de paradigmas linguísticos abriu caminho para uma compreensão mais inclusiva e diversificada da expressão artística?

Ao considerar o diálogo intergeracional, investigamos como as gerações posteriores interpretaram e reinterpretaram as ideias modernistas. Isso inclui examinar como os movimentos artísticos subsequentes se relacionaram com a herança modernista e como novos artistas dialogam com as questões de identidade, linguagem e inovação introduzidas durante um evento que transcendeu seu tempo (Schwartz, 2003, p. 53).

A análise do legado da Semana da Arte Moderna não é uma visão estática, mas sim um processo evolutivo. Isso envolve considerar como as ideias modernistas continuam a evoluir e se adaptar às mudanças sociais e culturais contemporâneas. Explorar como novas vozes artísticas integram e reinterpretam as conquistas modernistas em um contexto globalizado e tecnologicamente avançado amplia nossa compreensão da persistente relevância desse movimento para a arte e cultura contemporâneas (Couto, 1932).

Conclusão

Ao refletir sobre as nuances e complexidades da Revolução Linguística ocorrida durante a Semana da Arte Moderna de 1922, torna-se evidente que os modernistas não apenas quebraram paradigmas artísticos, mas forjaram um legado que transcendeu décadas, continuando a ecoar e influenciar o cenário cultural contemporâneo.

A influência da língua portuguesa nas manifestações artísticas, como explorado neste estudo, revelou-se muito mais do que uma mera experimentação linguística. Foi uma afirmação audaciosa da identidade brasileira, uma busca por uma expressão autêntica que desafiou as convenções e abriu caminho para a diversidade cultural.

Ao se considerar a relevância contemporânea dessa revolução, testemunhamos como as transformações linguísticas introduzidas pelos modernistas continuam a ser uma fonte

de inspiração para artistas e pensadores atuais. A busca pela autenticidade, a valorização da diversidade linguística e a quebra de normas persistem como princípios fundamentais na criação artística, demonstrando que a Semana da Arte Moderna não foi um evento isolado, mas sim uma semente plantada para um movimento cultural duradouro.

O diálogo intergeracional entre os modernistas e os artistas contemporâneos se torna um fio condutor, conectando décadas e alimentando a inovação. A experimentação linguística daquele período não só desafiou as fronteiras estilísticas, mas também moldou a maneira como concebemos e compreendemos a arte em um contexto mais amplo.

Além disso, ao observar o impacto social, percebe-se como a Revolução Linguística não apenas transformou a linguagem artística, mas também desencadeou mudanças na percepção da sociedade sobre a cultura e a identidade nacional. A quebra de paradigmas linguísticos na Semana da Arte Moderna contribuiu para uma compreensão mais inclusiva e democrática da expressão artística, marcando não apenas um evento histórico, mas uma mudança cultural duradoura.

Em suma, a Revolução Linguística da Semana da Arte Moderna não foi apenas um movimento de vanguarda, mas um catalisador de transformações que ecoam até os dias atuais. Esta análise proporcionou não apenas uma compreensão mais profunda da influência da língua portuguesa nas manifestações artísticas modernistas, mas também destacou a perenidade e a importância desse fenômeno cultural para as gerações futuras.

SCHUTZ, J. Linguistic Revolution in the week of Modern Art: an analysis of Portuguese influence on artistic expressions. **Revista de Letras**, São Paulo, v.63, n.2, p.81-94, 2023

- **ABSTRACT:** *This study proposes an in-depth analysis of the 1922 Modern Art Week in Brazil, focusing on the influence of the Portuguese language on the artistic manifestations that marked this revolutionary movement. The methodology adopted is bibliographical research, allowing a critical investigation of literary works, manifestos, contemporary criticism and historical documents. The research is organized into five sections: firstly, an introduction to Modern Art Week is presented and the historical and cultural circumstances that gave rise to Modern Art Week are explored in depth, highlighting its objectives and importance on the artistic scene; secondly, the linguistic roots are addressed, namely the Portuguese influence on modernist artistic expressions, in this sense, it explores how the Portuguese language underpinned new forms of artistic expression based on linguistic aspects in literary works, poetry and manifestos; The fourth section, discusses the regional and universal, from a perspective that encompasses linguistic diversity in the Visual and Performing Arts, highlighting linguistic diversity in artistic expression and in the construction of cultural identities; finally, it reflects on criticism, reception and society's response to the Linguistic Revolution, specifically exploring contemporary criticism and public reception of linguistic innovations, it also reveals how these changes were perceived and discussed in society at the time. Furthermore, the analysis is considered to have provided not only a deeper understanding of the influence of the Portuguese language on modernist artistic manifestations, but*

also to have highlighted the perpetuity and importance of this cultural phenomenon for future generations.

- **KEYWORDS:** *Modern Art; Linguistic Revolution; Cultural Vanguard.*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. de. **Túnel e poesias modernistas-1922/1923:** Estabelecimento de texto e estudo de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Art Editora, 1987.
- AMARAL, A. **Artes plásticas na Semana de 22.** São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ARANHA, G. **A emoção estética na arte moderna.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- ARANHA, L. **Cocktails.** Organização de Nelson Ascher e pesquisa de Rui Moreira. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARAÚJO, C. A. de. *A mesma tempestade.* In: KLAXON: mensário de arte moderna. São Paulo: Livraria Martins, 1972. Edição fac-similar.
- BASTOS, E. **A Semana de Arte Moderna e o Armory Show.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.
- BOAVENTURA, M. E. **22 por 22:** A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: EDUSP, 2000.
- BRITO, M. da S. **História do modernismo brasileiro:** antecedentes da Semana de Arte Moderna. São Paulo: Saraiva, 1958.
- CARVALHO, R. de. **O espelho de Ariel e poemas escolhidos.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Brasília, INL, 1976.
- COELHO, F. **A semana sem fim.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- COUTO, R. R. **Espírito de São Paulo.** Rio de Janeiro: Schmidt, 1932.
- DEL PICCHIA, M. **O gedeão do modernismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- GOLDSTEIN, N. **Do Penumbrismo ao Modernismo:** o primeiro Bandeira e outros poetas significativos. São Paulo: Ática, 1983.
- GONÇALVES, M. A. **1922:** a semana que não terminou. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GUELFI, M. L. F. **Novíssima Contribuição para o estudo do Modernismo.** São Paulo: IEB, 1987.

KLAXON: mensário de arte moderna. São Paulo: Livraria Martins, 1972. Edição fac-similar.

LIMA, Y. S. de. **Brasil**: 1º tempo modernista-1917/1929: Documentação. São Paulo: IEB, 1972.

NAPOLI, R. de. **1922/1972**: a semana permanece. São Paulo: EDUSP, 1980. 3 v.

PLACER, X. **Modernismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1972.

PRADO, Y. de A. **A Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Edart, 1976.

SANTIAGO, S. (org.). **Carlos & Mário**: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

SCHWARTZ, J. (org.). **Caixa modernista**. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.